

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.523

Domingo, 11 de Novembro de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Inaugurou-se ontem o Congresso do Partido Comunista Português, que excluiu das suas fileiras alguns partidários.

Mãos à obra!

Convençam-se os trabalhadores e todas as pessoas de ideias descomprometidas que almejam uma sociedade mais perfeita do que a actual, como esta em que vivemos, onde a grande imprensa dependente das forças capitalistas consegue enganar os espíritos ingênuos e fazer opinião pública, os interesses dos humildes, dos expoliados, das vítimas só podem ser defendidos eficazmente desde que a imprensa honesta alcance uma grande expansão, capaz de competir com a expansão desses jornais enfeudados aos inimigos do povo.

Em Portugal apenas *A Batalha*, pela sua feição puramente popular, está nas condições de se tornar um grande órgão da população expoliada. Basta que cada trabalhador, cada explorado, cada vítima lhe dê o seu apoio, comprando-a, para que *A Batalha* adquira aquela força moral, que lhe empresta a opinião pública, necessária à defesa dos interesses menosprezados do povo.

Nestes últimos dias temos recebido, principalmente da província, notícias animadoras acerca da expansão do nosso jornal. Um entusiasmo novo, uma fé mais ardente na *Batalha* se verifica presentemente entre os camaradas que labutam por esse país fora.

Estas manifestações de simpatia a favor de *A Batalha* animam-nos, criam fortes esperanças no futuro. Temos verificado na tiragem que não tem sido vão os nossos apelos. Mas sendo alguma coisa, não é tudo. É preciso que os leitores assíduos não se limitem à simples leitura do jornal, mas o divulguem, o tornem conhecido, mesmo necessário aos seus amigos e conhecidos.

Por seu lado o pessoal de *A Batalha*, embora reduzido e sobrecarregado de trabalho, tentará tornar *A Batalha* tanto quanto possível útil aos seus leitores, já fornecendo-lhe a maior soma de notícias e elucidativas, já atacando todas as iniquidades, agitando todos os problemas de interesse popular.

O aumento de leitores produz aumento de receitas e como *A Batalha* não deseja afeitar lucros, todos os aumentos de receita serão empregados no próprio jornal no intuito de melhorar todas as suas secções e de torná-la o mais agradável possível aos seus leitores.

É um trabalho de colaboração que se pede — colaboração de *A Batalha* com os seus leitores. Estes promovem a expansão do jornal e o jornal promoverá melhoramentos de forma a atrair mais leitores ainda. E dessa colaboração resultará um aumento de força e da propaganda que beneficiará o povo trabalhador. Mãos à obra!

A SITUAÇÃO POLÍTICA

O sr. Catanho de Menezes organizará um ministério democrático independente sob as indicações do directório do P. R. P.

Uma carta aberta da «Seara Nova» dirigida ao presidente da república

Está definitivamente assente que o sr. Catanho de Menezes organize ministério. Os indivíduos que compõem esse ministério serão indicados pelo directório do P. R. P., que pretende um ministério democrático independente.

O dr. Afonso Costa, dada a impossibilidade de organizar o tal ministério nacional, que não era nacional, mas de simples coligação de democráticos e nacionalistas, encontra-se disposto a tomar conta da pasta das finanças num gabinete presidido pelo sr. José Relvas.

Agora falamos em segredo aos nossos leitores. O ministério Catanho de Menezes é um simples paliativo, para entreter, para distrair a opinião pública. Entre os políticos ninguém acredita que o sr. Catanho de Menezes chegue a organizar ministério. A verdadeira situação política, a dos bastidores e, portanto, o que mais interessa, é bem diversa. Pretende-se pôr o dr. Afonso Costa a governar. Falharam as suas tentativas? Arranjou-se um rodelo, uma plataforma, que é a seguinte:

Arrastar o dr. António José de Almeida à presidência dum ministério, no qual se alojará o dr. Afonso Costa como ministro das finanças. Tais nos enganemos...

Confirma-se a existência dum comité militar, que conforme *A Batalha* ontem revelou está disposto a provocar um golpe de Estado, do qual resultaria uma ditadura à Primo de Rivera.

O grupo *Seara Nova* dirigiu uma carta aberta ao presidente da república, na qual expõe os seus pontos de vista sobre os vários problemas nacionais que reclamam urgente solução.

Nessa carta após uma rápida crítica aos processos governativos empregados nestes últimos tempos, aprecia-se, apresentando-se soluções para o problema agrícola, industrial, comercial, financeiro e educativo. Para este último preconiza as seguintes medidas para realização imediata:

- 1.ª—Criação de 4 escolas experimentais: infantil, primária, secundária, de continuação, com novo regime de composição de cursos;
- 2.ª—Modificação dos programas;
- 3.ª—Criação do Museu Pedagógico de Lisboa, com o fim de organizar desde já material de ensino para as escolas, publicar guias para os professores, etc.;
- 4.ª—Remodelação do ensino normal e criação do Instituto de Ciências da Educação;
- 5.ª—Criação de uma Junta de Promoção de Estudos;
- 6.ª—Criação de uma Junta de Estudos Sociais;

OS MISTÉRIOS DO POVO

A introdução «A braga do grilbeta» termina hoje, seguindo-se-lhe a primeira parte, intitulada «A FOICINHA DE OURO».

que, estamos certos, irá causar verdadeira sensação

O PROCESSO VOROWSKY

Julgamento sensacional

Conradi, o assassino de Vorowsky delegado russo à Conferência da Paz, está sendo julgado em Lausana — Há testemunhas que prometem fazer graves revelações acerca dos contra-revolucionários subsidiados pela França

LAUSANA. 4.—Ainda está na memória de toda a gente a tragédia sangrenta de Lausana. A vítima, como se sabe, foi Vorowsky, o representante da Rússia dos Sovietes à conferência da paz. O assassino foi Conradi ajudado nas manobras por Polounine. Pois iniciase hoje neste cidade o julgamento dos acusados, julgamento que promete ser sensacional, porquanto, segundo nos informam algumas testemunhas vão fazer revelações extraordinárias sobre o terror branco, a acção do general Wrangell e outros contra revolucionários que, subsidiados pela França tentaram esmagar a Revolução Russa.

Será conveniente, entretanto, antes de entrarmos na descrição do julgamento iniciado agora a viva memória dos leitores mais esquecidos o que foi esse atentado sangrento que visava apenas ferir os soviets em pleno peito.



Casino de Montbenon onde está sendo julgado o assassino de Vorowsky

Seus lugares habituais, a três ou quatro metros da mesa ocupada por Conradi.

O assassinato

O assassinato, por meio de fotografias, reconhece Vorowsky. Certifica-se melhor interrogando o criado de serviço. Está disposto a não deixar escapar a presa. Esperou que os outros comensais saíssem.

Quando a sala estava quase vazia, Conradi levantou-se, dirigiu-se para Vorowsky, com a mão direita na alça da cabeça de Vorowsky, um pouco acima da orelha direita, e disparou. Vorowsky caiu inanimado.

Não satisfeito com este crime, Conradi desfecho por duas vezes contra Arens, ferindo-o no ombro e na coxa. Divilkowsky pretende desarmá-lo. Conradi disparou ainda três tiros contra ele ferindo-o nos flancos direito e esquerdo. As três vítimas jazem sem movimento. Conradi, sabendo que Divilkowsky e Arens não estão mortos carregou a sua arma.

Atravido pelo ruído dos tiros, acode o «maitre d'hôtel», que pede a Conradi a sua arma. O assassino dá-lhe. Quando a polícia chega Conradi, como se falasse em nome da recepção exclama: —Pratiquei um belo acto. Os russos arruinaram toda a Europa. Fiz alguma coisa pelo mundo inteiro. F. A.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Está arrematado

No jornal «Primeiro de Janeiro» do Porto, lia-se há dias um anúncio interessante. Transcrevemo-lo em parte sem contudo exigirmos dinheiro ao anunciante:

«PALACETE

Vende-se um lindíssimo, com parque e terrenos anexos numa superfície de 12 milímetros quadrados. Tem água, ramadas, árvores de fruta, jardim, etc...»

Um palacete de dez «milímetros quadrados» com tanta coisa: água, ramadas, árvores de fruta, jardim, etc. Se o preço for proporcional ao tamanho, aí está um palacete que qualquer de nós leitores, uma pobrete, podemos comprar a ponto e imediato pagamento. Está arrematado!

Angela Pinto

Em homenagem à grande artista que é Angela Pinto efectua-se no dia 19, no teatro de São Carlos uma festa artística. Pessoas de haveres têm adquirido bilhetes por altos preços. Os pobres que não dispõem de grandes fortunas também não devem esquecer a grande artista, levando-lhe no dia da sua festa, com a insignificância do preço dos seus bilhetes baratos, o testemunho da sua admiração por quem com tanta arte os sabe fazer rir e chorar lágrimas sentidas.

«Frei Sangue»

Foi posto ontem à venda uma obra literária de raro valor social e artístico da autoria de M. Duarte Lopes. Intitula-se «Frei Sangue» e trata dos problemas mais palpitantes da actualidade.

Um lapso

Por lapso, no artigo de ontem sobre Vila do Conde saíu rio Save em vez de rio Ave. Fica assim rectificado e cortada cerce qualquer interpretação malévola.

Lêr na 4.ª página:

Agenda de «A Batalha».

A derrocada da Alemanha

Um comité de intelectuais avançados de vários países faz um apelo ao mundo inteiro para socorrer o proletariado faminto

O movimento nacionalista não assumiu proporções assustadoras

Um comité de intelectuais avançados de vários países, impressos com a fome que lavra pela Alemanha, tam o mais terrível do que a fome verificada há dois anos na Rússia, dirige a todo o mundo o apelo que *A Batalha* se apressa a inserir nas suas colunas.

As maiores aglomerações industriais da Saxónia, da Turíngia, da província renana, da Silésia e de Berlim lutam com a falta quasi absoluta de viveres.

Depois de terem suportado durante quatro anos as privações da guerra mundial, depois de terem suportado todas as privações de após-guerra, a classe operária alemã está hoje numa situação insustentável. As privações e a deficiente alimentação constantes transformam-se agora em fome completa.

Milhares de operários alemães lutam com a falta de tudo.

A milhões de mulheres e de crianças dos trabalhadores alemães falta o que é estritamente necessário à vida.

Na derrocada da economia alemã e no desmembramento do Reich, é a população laboriosa que são impostos os mais duros sacrifícios. A fome que atinge agora a Alemanha ameaça tornar-se mais grave, mais atroz do que a que invadiu a Rússia em 1921. Mas as causas principais, não são como foram na Rússia, climáticas: é consequência da bancarrota do capitalismo germânico.

Os trabalhadores dos países do mundo inteiro devem vir, sem demora, em auxílio, das inúmeras vítimas do egoísmo da burguesia alemã.

Os signatários que em 1921 organizaram, com o concurso de todos os trabalhadores, a grande acção de socorro aos famintos russos, dirigem hoje a todos os operários, em pregados funcionários, camponeses, pequenos comerciantes de todos os países o apelo mais ansioso e mais ardente. Não deve haver a menor hesitação. Por toda a parte

devem constituir-se, sem demora, Comités de Socorro, compostos de representantes de todas as profissões, de todos os meios sociais, de todos os partidos políticos, de todos os sindicatos operários. Os fundos, os viveres, os fatos devem obter-se sem uma hora de espera. Os trabalhadores da Europa, da América, da Austrália não devem demorar-se em agir. Cada hora é preciosa!

O comité abaixo assinado está convencido de que o seu apelo será ouvido por todos.

Em diversos sítios a acção de socorros já começou. O comité abaixo assinado já encontrou maneira de enviar 100.000 quintais de trigo russo para Berlim, Saxónia e Turíngia para ali serem distribuídos gratuitamente pelos desempregados, acidentados de trabalho e elementos mais necessitados da população. Acordai a consciência dos povos! Contribui vos próprios! Arranjai contribuintes!

As remessas de viveres, de objectos e de fundos devem ser endereçadas aos Comités Nacionais e à sede central do Socorro Operário Internacional (em Berlim).

Viva a solidariedade internacional de todos os trabalhadores!

Clara Zetkin, Kaelthe Kollwitz, prof. Eltzbacher, dr. Alfons Paquel, prof. Oestreich, Ernest Toller, G. G. L. Alexander, Edwin Hoernle, Paul Scholtz, Wille Munzenberg, Max Barthel, Teodor Liebknecht (Alemanha); Anatole France, Henri Barbusse, Vaillant Couturier, André Marty (França); Henriette Roland-Holst, Eda Fimmen, J. V. Kuyper, J. Brouwer (Holanda); Martin Andersen Nexø (Dinamarca); Ture Nerman, Maire Lindhagen, Z. Hoelund (Suécia); S. Swertout (Noruega); J. Mathieu, P. Hoel (Bélgica); prof. Ford, Fritz Platten (Suíça); Smeral, Kreibich (Tchecoslováquia); prof. Grady, Misiano (Itália); Upton Sinclair, A. Davis (Estados Unidos); Helen Graufurd, Whitehead (Inglaterra).

O movimento fascista quasi dominado

BERLIM, 10.—O general Lossow comunicou ao governo que espera dominar dentro de poucas horas o movimento revolucionário em Stuttgart. Reichswehr e a *Schupo* mantem-se fiéis ao governo central, tendo por ordem de von Kahr e de Lossow, tomado conta dos edifícios públicos das várias cidades da Baviera. A fiscalização exercida na fronteira pelo Reichswehr bávaro é rigorosíssima, tendo uma parte daquelas forças avançado sobre Munique para prestar auxílio às tropas de von Kahr.

Von Lossow expediu ordens para serem detidos vários nacionalistas, socialistas e membros da Oberland. Na Baixa Francónia existe absoluta tranquilidade, tendo a Reichswehr apoiado o governo central. O governo de Munique ordenou a todos os funcionários que não obedecem às ordens dos revolucionários.

A acção da Itália
ROMA, 10.—O governo italiano está forçando por que seja aceite a sua mediação para que os governos de Londres e Paris cheguem a um acordo na nomeação de comissão de inquérito às possibilidades financeiras da Alemanha.

Agora todos são fiéis...

NUREMBERG, 10.—O Burgo mestre de Nuremberg enviou um radiotelegrama a von Kahr e von Lossow declinando qualquer participação no movimento revolucionário de Ludendorff de Hitler, tendo sido a sua adesão dos primeiros momentos imposta pela força. Logo que recuperou a sua liberdade de acção, tomou as medidas indispensáveis para dominar a revolta, esperando ficar senhor da situação dentro de poucas horas.

Lossow fiel como um cão...

MUNICH, 10.—Von Lossow recebeu um radiotelegrama do comandante da Reichswehr no Norte da Baviera assegurando a sua fidelidade e dizendo que tinha tomado todas as providências para dominar por completo o movimento revolucionário.

Von Kahr contra os nacionalistas

MUNICH, 10.—Von Kahr ordenou que se exerça uma rigorosa fiscalização sobre os passaportes na fronteira, tendo também mandado prender todos os membros da organização operária.

Pormenores sobre o movimento

MUNICH, 10.—Os partidários de Hitler e de Ludendorff conseguiram nos primeiros momentos da luta apoderar-se dos bairros mais importantes desta cidade, ocupando os edifícios dos Correios, Telégrafos, Caminhos de Ferro, etc., e das redacções de alguns jornais, como, por exemplo, de «Muencher

Nueste Nachrichten». Porém, logo que von Kahr e von Lossow tomaram a ofensiva, as tropas da Reichswehr e a *Schupo* foram, pouco a pouco, reconquistando esses edifícios e expulsando os partidários de Ludendorff dos bairros que estavam em seu poder. Por fim encerraram-nos no Ministério da Guerra, onde, como se sabe, foram presos Ludendorff e Hitler.

O que se pensa em Berlim sobre o movimento

BERLIM, 10.—Os acontecimentos de Munique constituiram uma verdadeira surpresa para o governo de Berlim, tendo mesmo o jornal oficial do ministério «Zelt» publicado na quinta-feira um artigo de fundo assegurando que não haveria qualquer movimento nacionalista no dia 9. Por isso os acontecimentos de Munique não foram previstos pelo governo devendo-se o triunfo sobre os revolucionários única e exclusivamente à fidelidade e energia de von Kahr e de von Lossow.

Os horrores da miséria

BERLIM, 10.—Um terço da população de Wiesbaden está dependente dos fundos que a câmara municipal possui para poder auxiliar 10.000 desempregados, 5.000 operários que trabalham horas reduzidas e 4.000 pessoas de idade sem possibilidade de angariar os meios de subsistência.

PARA A HISTÓRIA DA GRANDE GUERRA

Comemorando o aniversário do armistício

A revolta dos soldados portugueses no «front»

Os soldados do batalhão de «pau e manta» cheios da fome e de frio, plenos de cansaço revoltam-se briosamente e perseguem a tiro o general G. C.

Havia vinte dias que tínhamos deixado as trincheiras do sector de Fermo de Bois onde sofremos, durante três meses, os maiores revezes e ocupávamos, então, uma pequena e linda aldeia chamada Locon a uma dúzia de quilómetros daquele sector e considerada, ainda, zona de guerra ou «front» como lhe chamávamos na linguagem dos franceses. Antes de termos ocupado este sector havíamos, já, ocupado, durante sete longos meses, o de Neu-Chapelle, aquele maldito que enfrentava o «bosque misterioso» e onde existia a tam temível cratera «foziquissarte» que nos colocava a meia dúzia de metros da linha reserva, lúgubremente, entre a 1.ª linha inimiga e onde mal podíamos respirar que não fossemos pressionados e, daí, terrivelmente canhoados! Quem para lá fosse escalado só por milagre voltava...

O meu batalhão, que os soldados de outras unidades, tinham denominado de «pau e manta» contava, já, dez meses de trincheiras intercaladas, do sétimo, por dois meses de descanso que gostávamos de chamar «Mametz» ao fim dos quais fomos ocupar Fermo de Bois onde, como já disse, havia vinte dias, apenas que tínhamos sido rendidos, merco do estado exaustivo em que nos encontrávamos.

Em Locon, onde nos encontrávamos aboletados, constituíamos um apoio vigilante e pronto a socorrermos as unidades que se achavam nas trincheiras; bastava, para isso, que o observador que mirava, atento, os astros na direcção das trincheiras visse a luz vermelha dos 3 «very-lights» ou foguetões, indicativos de S. O. S. (socorro). Todas as noites era escalada uma companhia para reforçar o sector e, uma noite em que o batalhão do 14 sofreu um grande ataque de gases asfixiantes que intoxicou a maioria dos seus soldados, o

sempre o andar moroso e vacilante, o tossir seco e prolongado, formando córo, e, sobretudo, a sofreguidão com que devoravam algum pedaço de pão que as francesas lhes vendiam às escondidas, dos «gendarmes» que demonstrava fome, que dos três enormes flagelos: Fome, Peste e Guerra, só o segundo ainda não tinha chegado! Porém, e a despeito do estado combatido em que nos encontramos, quando mais almejávamos o iam prometido tão necessário repouso surgiram, inesperadamente, uma ordem para marcharmos, de novo, para as trincheiras, render as unidades que nos haviam rendido há desenhos dias, apenas!

A ordem era inexequível! Era uma verdadeira iniquidade que se cometia: lançar-nos novamente àquele inferno da 1.ª linha que tantas e tantas vidas já nos tinha roubado e donde havia desenhos dias, apenas, tínhamos saído!

E o descanso que nos tinham prometido? Sim, esse descanso que nos parecia, onde, onde estava ele?, desenhos dias a uma dúzia de quilómetros das trincheiras, doze dos quais uma companhia passou dentro do reduto de «Croix Rouge» enquanto as restantes companhias enviavam todas as noites um enorme reforço para as linhas; coisa que as outras unidades nunca nos fizeram enquanto nós lá estivemos é que era, porventura, o descanso? Não, não podia ser. E, enquanto esta ordem corria veloz, de boca em boca, a indignação transformava-se em desespero e, este, criando uma alma nova naqueles soldados, verdadeiros farrapos humanos, transformava-se, por sua vez, em revolta!

Que era uma cobardia, diziam os escafoins... Não podia ser levado à conta de cobardia aquele gesto que, tão o sofrimento tenaz e prolongado tinha lançado no espírito daqueles humildes soldados que, tanto nos sete meses de permanência no sector de Neu-Chapelle, como nos três de Fermo de Bois, nunca lhes foi notado o menor desaleitamento! Sempre tristes e acabrunhados, é certo, com o pensamento nas suas casitas da terra que os embolava, eles lá iam artastando aquele enorme fardo, sem um lamento, sem um queixume que lhes pudesse denotar cobardia!... E, quando nas trincheiras, naquelas noites glaciais em que a neve lhes entorpecia os nervos, fazendo-os baquear entregados ainda o desânimo era, tão somente, para eles, desgraçados que, tendo sido roubados ao calor das lareiras ali morriam, miseravelmente, do frio!... Porque os outros, os que iam resistindo àquela terrível hecatombe, limitavam-se a um leve e quasi imperceptível encolher dos ombros a cada momento que um camarada baqueava, e maquiavelmente, lá continuavam até que igual destino lhes fosse dado, também!

O espírito de revolta era unânime

Revoltaram-se porque já não podiam mais. O primeiro grito de revolta que ecoou por todos os boletos foi o gemido dum soldado que a tuberculose lhe abalaria na garganta!... E, logo em seguida, os soldados correram para a rua agitando, febrilmente, as espingardas e gritando com desespero: «Abaixo os vendilhões da pátria! Abaixo os cachopins da base!» e muitos outros gritos e imprecações que se perdiam no meio daquele barulho ensurdecedor de vo-

A revolta do batalhão de «pau e manta»

Estava revoltado o batalhão de pau e manta?

zes. A revolta que tivera o seu início à tardinha junto à sede do batalhão, pouco a pouco, engrossando para se tornar completa no curto prazo de uma hora, se tanto. Os oficiais, simulando uma grande excitação, corriam pressurosos ao nosso encontro a pedir-nos calma e que acatássemos a ordem de ir para as trincheiras; pretendendo, assim, e embora simuladamente, incutir-nos o ânimo de pelega que eles, há muito, haviam perdido também! Mas era em vão. Os revoltosos não os queriam ouvir e, eles, lá se iam embora, quem sabe, radiantes pelo nosso gesto que lhes ia proporcionar, sem responsabilidade, alguns meses de repouso.

Chegára a noite, e como não tivéssemos a recar adversários, recolhemos aos bolões e, em breve, tudo aquilo era um sonho...

Em plena revolta

No dia seguinte, logo que tocou a alvorada, saímos para a rua e, na mesma atitude da véspera, juntámo-nos em grupos, pelo acampamento, esperando ordens da Divisão. De quando em quando chegavam ordenanças do Q. Q. portadoras de ordens para o batalhão que deixassem passar livremente a esperança que algum desses oficiais fosse a ordem de marcha para a retaguarda, mas, isso não havia meio; as horas passavam, velozmente, sem que alguém procurasse providenciar, os oficiais tinham-se eclipsado, do próprio comandante do batalhão ninguém sabia o paradeiro.

Comegaram, então, correndo boatos terroristas. Dizia-se que em Ville-Chapelle se encontravam, concentradas, as unidades da 2.ª Divisão prontas a marchar sobre o nosso acampamento, para nos prenderem; dizia-se, também, que o «maior» ia dar ordem à população civil da aldeia para a evacuar pois que ia ser bombardeada por uma poderosa esquadilha de aeroplanos e, como de repente, tivessem aparecido voando a pequena altura, fácil nos ia acreditar que, andavam fazendo reconhecimento para a artilharia nos bombardear. Em todos os pontos mais altos foram colocados metralhadores, de vez em quando rompiam fogo para o ar a fim de obstar a aproximação dos aeroplanos, enquanto que, numerosos grupos de revoltosos percorriam as estradas, em linha de atridores, dispostos a não deixar apertar o cerco que nos pretendiam fazer. «Agora, diziam os revoltosos, sabemos porque lutamos, portanto, saibamos morrer nos nossos postos!».

E, por todo o acampamento reinava uma grande efervescência; soldados corriam, em várias direcções, carregando munições. Por todos os lados estavam grandes de mão, tiros de espingarda e rajadas de metralhadora. Era o «sector da fumaça» que se impunha digna e nobremente, clamando descanço e páo!...

O general G. C. perseguido a tiro

A noite chegou ao nosso acampamento. O general G. C. declarou desajar conferenciar com o comité revolucionário. Foi-lhe respondido que não existia comité algum; eram todos revoltosos a fome, o frio e o cansaço eram os factores principais da revolta e a eles obedeciamos!

—E que queris fazer, rapazes, com o vosso movimento?—perguntou—quando o batalhão, em péso, estava em volta dele, a um telegrafista que para ele tinha avançado.

—Com o vosso movimento, meu general, pretendemos, apenas, v. ex., nos fazer justiça! Temos fome, estamos extenuadíssimos e, sobretudo, não nos pertence, agora, a ocupação das trincheiras!...

—Mas, respondeu ele—se eu os obrigas, pela força, a entrar nas trincheiras, o que fareis?

—Morreremos todos, como um só homem, mas não iremos!... Primeiro estão os cachapias que fazem a guerra na base; vão para lá eles, agora, que depois iremos nós!

Os soldados romperam todos numa gritaria ensurdecedora, que tinham fome que não tinham roupa para vestir que não eram vassallos da Inglaterra e que valiam mais do que 4500, preço porque os tinham vendido, com rexei! No meio desta gritaria, houve imprecacões ao general que, cólerico e amareado, nos diz na sua voz de trovão:

—Pois bem, rapazes, se quereis ser rendidos, ide para as vossas barracas, pois, caso contrário, sereis cercados por uma divisão inglesa que vos aniquilará. Tómai-se!...

E, dizendo isto, sobre para o automóvel que se pôs em marcha. Quando o carro lá, já, um pouco distante ouviu-se um tiro de pistola e, logo em seguida, uma terrível fuzilaria sobre o automóvel. O «chauffeur» apaga os faros e o carro perde-se no meio da escuridão. O resto da noite decorreu tranqüila.

O ardil—A razão esmagada

Na manhã do dia seguinte recebemos ordem de marcha, mas com carta de prego. Marchámos durante todo o dia e, já noite fechada, acampámos numa aldeia onde pernoitámos. De manhã tocou a formar companhias; os oficiais disseram-nos que o comandante da brigada vinha fazer uma alocução às praças, que não era preciso irmos armados e que a formação era numa praça que existia perto daquela aldeia.

Fiados naquelas palavras, formámos desarmados e seguimos os oficiais; porém, quando já nos encontrávamos num pouco distantes da aldeia vimos, com espanto, que estávamos cercados: dum e outro lado da estrada, avançavam, de baioneta armada, apertando o cerco, numerosas linhas de atridores. Estávamos perdidos! Fomos presos por portugueses, triste é dizê-lo, mas é verdade!... Metidos num enorme comboio-autómovil, somos levados para um depósito disciplinar—D. D. 1—onde sofremos as maiores torturas, como explicarei em outra carta que tratará somente das cruéis barbaridades ali cometidas.

J. A. F.

Combatente na grande guerra

Conferência metalúrgica

Continua com os seus trabalhos a Comissão nomeada na última Conferência Metalúrgica para levar à prática as resoluções tomadas naquela magna reunião da classe.

Depois de amanhã, terça-feira, reúne a Comissão à hora do costume,

C. G. T.

Comité Confederal
Reuniu ontem o Comité cessante, que tomou conhecimento do despacho de algum expediente, e ultimou os seus trabalhos de entrega de cargos ao novo Comité, ao qual deliberou dar posse na próxima terça-feira, pelas 20 horas.

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso
NOTA OFICIOSA

Camaradas: Mantém-se com o mesmo entusiasmo a greve dos Marítimos de Longo Curso, que tem demonstrado uma solidariedade digna de registro nas páginas das lutas operárias.

As empresas Armadoras tem procurado todos os vis processos a fim de ver se conseguem desmantelar essa grande força de que estão possuídos os escravos de sobre as águas.

Todas as notas publicadas nos jornais burgueses pelos Armadores são puramente falsas.

Não é preciso mais para avelar o procedimento dos inimigos dos Marítimos de Longo Curso, que assim procuram estabelecer a desconfiança entre os bravos trabalhadores, de forma a fazê-los abandonar aquela coesão que até agora tem mantido.

Não conseguem, nem tam pouco conseguiram dividir-nos com todas as suas cavilosas invenções, porque os Marítimos de hoje em greve sabem todas as intenções dos seus verdugos e do que estes são capazes de tentar para os aniquilar.

Porém, camaradas, a vitória aproxima-se a passos longos ao nosso encontro, e, assim vos dizemos que já reina o conflito entre os Armadores.

Incitamo-vos a esperar mais alguns dias e a batalha será ganha por nós.

Daqui dizemos: Vivam os Marítimos de Longo Curso! Viva a Organização Operária Viva o jornal A Batalha.

O Comité

NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE DEMARCHE

Camaradas: Tem continuado esta comissão na sua tarefa para solucionar o conflito criado pelos Armadores.

Fez esta comissão ontem uma demarcação, esperando receber resultados satisfatórios, e ficando de obter amanhã uma resposta, da entrevista havida.

Para apreciar o resultado das demarcações entre armadores e os representantes do governo, são convidados os marinheiros e moços a reunir em assembleia geral amanhã, pelas 18 horas.

A Comissão de Demarções

Oficiais de Marinha Mercante

Comunicamos à Liga de Oficiais de Marinha Mercante que reuniu a assembleia geral extraordinária, que se encontra em sessão permanente, que tratou de vários e importantes assuntos colectivos, entre eles os trabalhos feitos pela comissão nomeada pelo ministro da marinha, tendo o seu delegado detalhado pormenorizadamente esses trabalhos.

Apreciamos largamente a forma como esse delegado se tem conduzido junto da citada comissão para solucionar o conflito marítimo sendo por fim lançado na acta por unanimidade um voto de louvor pela maneira como se tem desempenhado do seu mandato e que interpreta o sentir geral da classe.

N. R.—Pede-se a António Brás, fogueiro, para vir a esta redacção amanhã, segunda-feira, das 10 às 12 horas, sem falta.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÁ

LISBOA NA RUA

Morte por acidente no trabalho

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, faleceu ontem, pouco tempo depois dali ter dado entrada, Joaquim Ramos, de 18 anos, natural e residente no Caramujo, que na fábrica de cortiça de Henry Bucknall & Son Limited, naquela localidade, foi colhido pela correa de um volante, ficando muito ferido nas pernas, braços e cabeça e com lesões internas.

Arma que se dispara

Na enfermaria de São Francisco, do Hospital de São José, continua no mesmo estado, Ambrósio de Oliveira, de 34 anos, jornalista, natural e residente na Corunha, conhecido de Coruche, que, andando ali à caça com um seu amigo, de nome João, a arma daquele disparou-se, indo a carga atingir-lhe no joelho direito.

Rendimentos dos operários

Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, deu ontem entrada, António Mascarenhas Penela, residente na calçada do Forte, 28, r. c., que caiu duma prancha numa obra na Calçada do Forno de Tijolo, ficando muito contuso no tórax.

Quedas

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, deu ontem entrada, Francisco Fragoso, de 12 anos, filho de Manuel Fragoso e de Maria Isabel, aprendiz de sapateiro, residente na rua Saraiva de Carvalho, 156, loja, que deu uma queda numa escada na rua do Patrocínio, 13, fracturando a perna esquerda.

Na enfermaria Lourenço da Luz, deu ontem entrada Rosa Baptista, de 48 anos, natural e residente em Ponte de Cima, Moita, que ali deu uma queda, ficando com várias contusões pelo corpo.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÁ

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica. — Com a presença dos delegados dos sindicatos de Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Almada, Portimão, Peniche, Vila R. Santo António e Aljustrel, reuniu na sexta-feira o Conselho Federal com a seguinte ordem dos trabalhos: Apreciação da atitude dos delegados da Federação à C. G. T., e apreciação correspondência recebida do Bureau Internacional de Propaganda dos Metalúrgicos Revolucionários.

Do expediente recebido co-stava uma credencial do Sindicato de Beja, acreditando como seu delegado Pereira Braga tomando aquele camarada assento no Conselho.

Foi pelo Conselho sancionada uma deliberação da comissão administrativa no respeitante a uma petição do sindicato do Porto e constando a necessidade do Comité de o Norteinformar devidamente da vida dos sindicatos daquelha Zona. Tomou também conhecimento da constituição dum sindicato em Portalegre, congratulando-se com a acção dependida por um grupo de camaradas para a sua constituição, deliberação auxiliar-se aqueles camaradas em tudo no que for necessário.

Depois da leitura do expediente, Joaquim de Sousa refata as causas e motivos porque o Comité se viu obrigado a pedir a demissão, terminando por pedir a demissão de delegado da C. G. T.

Por Pereira Braga e Lúcio foram contestadas algumas afirmações daquele camarada e depois de mais delegados se manifestarem sobre o assunto, foi a maioria de opinião de que Joaquim de Sousa deve continuar a representar a Federação no Conselho Confederal.

Ribeiro justifica também a sua atitude na C. G. T., julgamos ter ali interpretado o sentir dos organismos que representava e justamente os interesses da organização, informando que tendo sido nomeado para fazer parte do Comité Confederal, ele perentoriamente declarou que não aceitaria tal cargo, contudo, julgando necessário, para interesse da organização metalúrgica, estar ali um indivíduo de confiança da mesma, acha oportuno que o Conselho se manifeste.

O Conselho compreendendo as susceptibilidades de Ribeiro, mas atendendo às razões expostas, é de opinião que aquele camarada deve aceitar o cargo para que foi nomeado.

Havendo ainda assuntos a tratar que se prendem com a vida interna da Federação e apreciação da correspondência já mencionada, que, devido ao adiamento da hora não poderam ser discutidos, ficou a sessão suspensa até amanhã, às 20.30 horas.

Descarregadores de Mar e Terra. — Reuniu a comissão de estudo em conjunto com a direcção para apreciar diversos casos e resolver protestar contra o encargo da casa Ganda pelo seu mau procedimento contra este sindicato.

Sobre as partes de doente, foi resolvido que das três apresentadas se pagasse por se reconhecer que os respectivos sócios estavam dentro dos regulamentos. Aprovou em princípio que a partir do dia 1 de Janeiro todos os sócios passem a possuir a caderneta sindical, não podendo trabalhar os que a não possuam, isto para que se evite o constante atraso de cotas.

Mais resolveu que a mesma comissão vá a reunir na próxima semana para apreciar, entre outros, o caso do Terreiro.

CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica. — Para continuação dos trabalhos pendentes da sessão de sexta-feira, reúne amanhã, pelas 20.30 horas, o Conselho Federal.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Para tratar de assuntos que se prendem com a actual crise que se vem desenvolvendo na indústria, reúne hoje, às 20 horas, a Comissão de Melhoramentos.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Secção profissional dos serventes. — Para se resolver a melhor forma de engrangiar donativos para o processo de Daniel Severino, reúne amanhã, pelas 21 horas, todos os militantes desta secção, não devendo faltar ninguém devido ao assunto a tratar.

S. U. Mobiliário. — A fim de habilitar os delegados deste organismo à U. S. O. na discussão referente ao pedido de demissão do comité confederal, reúne na próxima quinta-feira a assembleia geral, sendo indispensável a comparencia de todos os sindicados.

Escola Sindical de Belém. — Reúne amanhã às 20 horas, a comissão administrativa, para tratar de assuntos inadiáveis.

Mecânicos de açúcar. — Realiza-se amanhã, pelas 19 horas, a assembleia geral, para resolver sobre um ofício do ministério do trabalho e outros assuntos de importância.

Lavadores e limpadores de trens e automóveis. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 15 horas, para continuação dos trabalhos pendentes.

VIDA ANARQUISTA

Grupo «Humanidade Livre». — Reúne hoje, pelas 15 horas, no local do costume, para tratar de assuntos de alta importância. Desta reunião depende a existência do grupo, e pede-se por isso a comparencia de todos os componentes.

Comité de Lisboa. — Reúne na próxima terça-feira, pelas 20.30 horas os anarquistas de Lisboa para apreciar o pedido de demissão apresentado pelo Comité de Propaganda Anarquista.

Grupo «O Germinal». — Recomenda a comparencia dos seus membros à reunião de terça-feira.

VIDA POLITICA

Centro Socialista do Beato. — Reúne hoje a assembleia geral, pelas 15 horas, na sede da Sociedade Filarmónica União Chelense, para eleição dos delegados no Congresso do Partido Socialista da Região do Sul e outros assuntos.

A BATALHA

Coliseu dos Recreios

HOJE — 2 magníficos espectáculos 2 — HOJE
— A's 14.30 horas (2 e meia) — — A's 21 horas (9 da noite) —
— GRANDIOSA MATINÉE — — SOBERBO PROGRAMA —
— Os mais célebres, surpreendentes e emocionantes trabalhos da GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa
AVISO AO PUBLICO — Na matinéem entrada gratuita as crianças até 10 anos de idade. — A bilheteira da geral para o espectáculo da noite, abre às 16 horas (4 da tarde).

Amanhã: ESTREIA SENSACIONAL

Teatro Apolo

HOJE: Primeiro domingo
A deslumbrante e graciosa revista
GIGA-JOGA
Vem cá, pastinha... Já estou, Amor, vem cá... Já estou; Porque és mássima? Já estou; Não sejas má... Já está!

Números repetidos, entre o maior entusiasmo!

DESPORTOS

Bronze Mário Nóbrega

Realizam-se hoje os seguintes encontros para o torneio de futebol organizado pelo Sporting Club Barroca:

Campo de Carnide, às 15 e 30 — Santa Ana Foot-Ball Club (linha A), contra Sporting Club Barroca; árbitro Constantino Duarte.

Campo do Estrangeirismo, às 8 e 15 — Sporting Club Portuense, contra Club Desportivo Estrela Verde; árbitro Henrique de Oliveira.

Campo do Operário, às 9 horas — Grupo Desportivo «Os Capuchinhos», contra Campo de Santa Ana Foot-Ball Club; árbitro Francisco Silva.

A's 10 e 30: Marítimo Foot-Ball Lisboa, contra Pedreira Foot-Ball Club; árbitro Joaquim Amaral; Santa Cruz Foot-Club, Penha Foot-Ball Club, Sporting Club da Graça e Club de Foot-Ball «Os Barbadinhos» marcam respectivamente 2 pontos a Vendedores de Jornais Foot-Ball Club, São Bento Foot-Ball Club, Club Desportivo Vendedores de Jornais e Olímpico Club Portuense por estes clubs terem resistido.

Liga Operária de Desportos Atléticos

Foram marcados para hoje os seguintes desportos:

1.ª categoria: Lusitano contra Armadense, no campo de Belém, às 12 horas, árbitro Luis da Silva Lobo.

2.ª categoria — 1.ª série: Lusitano contra Armadense, no campo da Junqueira, às 16 horas, árbitro Alberto Machado; Boa Hora contra Casalinho, na Estrangeira, às 12 horas, árbitro Eugénio de Oliveira; 2.ª série: Santa Clara contra Cruzeiro, nas Salésias, às 15 horas, árbitro José Teixeira; Rio Seco contra Malpique, nas Salésias, às 12 horas; Estrela marca dois pontos por desistência do Lisboa Sporting.

3.ª categoria — 1.ª série: Campo da Estrangeira, às 10 horas, Boa Hora contra Estrangeirismo, árbitro Alfredo Ferreira; Casalinho marca dois pontos por desistência do Oriental; Campo de Belém, às 10 horas, Peninsular contra Bomberos, árbitro João Silvestre.

2.ª série: Campo da Junqueira, às 12 horas, Santa Clara contra Cruzeiro, árbitro João Duarte; às 14 horas, Rio Seco contra Lisboa, árbitro Humberto dos Santos; Campo das Salésias, às 10 horas, S. Lisboa e Malpique contra G. F. União.

Futebol para hoje

Desafios do campeonato da Associação de Futebol de Lisboa (1.ª Divisão):

1.ª categoria: Império contra Benfica, em Palmavã, às 13 horas; árbitro, o sr. Salvador do Carmo. Sporting contra Belenenses, em Palmavã, às 15; árbitro o sr. Silvestre Rosmaninho.

2.ª categoria: Império contra Benfica, em Benfica, às 15. Sporting contra Belenenses, no Campo Grande, às 15.

3.ª categoria: Império contra Benfica, em Benfica, às 13. Sporting contra Belenenses, no Campo Grande, às 13.

4.ª categoria: Império contra Benfica, em Benfica, às 11. Sporting contra Belenenses, no Campo Grande, às 11.

Promoção. — 1.ª categoria: Marvilense contra Occidental, em Marvila A, às 15. Bom Sucesso contra Chelas, no Bom Sucesso, às 15. Sacavenense marca 2 pontos.

Pequenas notícias

A Liga Portuguesa de Hockey resolveu atribuir a vitória do desafio final ao campeonato de hockey em patins ao Hockey Club de Portugal, em virtude de o Sport Lisboa e Benfica ter incluído na sua linha um jogador suspenso. O Benfica derrotara o Hockey por 2 a 0.

— O Império incluíra na sua linha, no jogo de hoje, o conhecido jogador J. Belford, que ultimamente jogara no Benfica.

«Batalha Futebol Club»

Reuniu a assembleia geral, sendo eleito a nova direcção que ficou assim constituída:

Presidente, Artur Maria Mira; secretários, Manuel Matias Chaves e Joaquim dos Santos Lopes; tesoureiro, João Bernardo da Costa; vogais, Domingos Silva e Alvaro Fialho, capitão João, João dos Santos.

Hoje realiza-se um desafio de confraternização entre sócios solteiros e casados.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÁ

MÚSICA

Concertos no Politeama

E' hoje que se realiza o 2.º concerto de assinatura, no Politeama, pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernandes Fão. No programa, digno das tradições de semelhantes festas de arte, de ano para ano adquirindo mais direitos ao apreço dos seus frequentadores selectissimos, figuram como primeiras audições, «Serenata Muzicosa» de A. Eduardo da Costa Ferreira; «Sinfonia n.º 13» (escocesa), Mendelssohn; «Hymne à la justice», de Alberic Magnard; «Nocturno n.º 1», de A. d'Ambrósio e «Ouverture solemnele», de Glazounov, as três últimas estréias em Portugal. Serão executados também «Uma noite sobre o Monte Calvo», de Moussorgsky e a «Rapsódia Húngara», em «re», de Liszt.

Pela importância da assinatura e pelos bilhetes já vendidos, pede assegurar-se ao concerto uma concorrência extraordinária.

No teatro São Luís
E' Joseph Lassalle, o director da Orquestra Filarmónica de Munique, quem dirige o primeiro concerto da «Orquestra Sinfónica Portuguesa», que se realiza hoje no teatro São Luís, e que tem grande interesse está despartando, porque deve ser uma tarde de arte, com o magnifico programa organizado em que figuram três primeiras audições notáveis: «Les Petits Riens», suite para Piano, de Mozart, um «Menuetto de Halifiter, «El Valle de Anso», intermédio de Granados, e a grande «Sinfonia Patética», de Tchaikowsky, as «ouvertures» das «Nozes de Figueira», de Mozart e a de «Teaehauser».

TEATRO NACIONAL

Telef. N. 3049
HOJE
E TODAS AS NOITES

O empolgante drama

Alcácer-Kibir

♦ Não há entradas de favor ♦

Ultimas notícias

O 1.º Congresso Comunista

inaugurou ontem os seus trabalhos

Foi aprovada a irradiação de alguns dos seus filiados

Iniciou-se ontem, às 21 horas, na sala de sessões do Centro Socialista de Lisboa o 1.º Congresso do Partido Comunista. Presidiu à sessão preparativa José Carlos Rates secretariado por Abel Pereira e Ultra Machado.

Fizeram-se representar 27 comunistas e as Juventudes Comunistas por 95 delegados. Houve duas representações individuais.

Por indicação do Comité Executivo do Partido nomeou-se a comissão verificadora de mandatos e de poderes que ficou composta por Rodrigues Graça, Dr. Augusto Rodrigues Miranda, Francisco Pereira de Sousa, F. Rodrigues Loureiro, Joaquim Lima de Carvalho, Carlos de Araújo, Salvaterra Junior, Manuel de Azevedo e Adão Duarte. Aprovado por unanimidade.

Próximo da meia noite Carlos de Araújo, relator da comissão apresenta as suas resoluções. Por imposição da Internacional Comunista, Aníbal Cardoso, Henrique Fernandes, Américo Antão, António Sales e Cezário de Sousa são excluídos do partido com a facilidade expressa de recorrer para o congresso. Como não recorram a essa suprema instância não podem tomar parte no congresso.

Pires Barreira tendo sido suspenso dos direitos de filiada pelo Comité Executivo fica no congresso, mas apenas com voto consultivo. António Monteiro tendo-se retratado numa carta ao Comité das injúrias endereçadas ao secretário geral, assistirá com voto consultivo até o seu caso ser definitivamente resolvido. A secção dissidente do Porto, tendência Cezário de Sousa, tendo a responsabilidade da sessão do Porto e não se tendo submetido às decisões do Comité está de facto e de direito fora do Partido, podendo assistir ao congresso como ouvinte.

A comissão pró-pesos não pode representar-se no congresso por não ser considerada organismo politico.

José Córvo discorda do voto por delegados preconizando a votação por comissões.

Manuel Cezário Júnior entende que as Juventudes Comunistas devem ter voto deliberativo. Lamenta que a Internacional Comunista fosse consultada sobre o assunto. Rates, alega que tinha de se dar conhecimento à I. C.

Pires Barreira afirma que no IV congresso Internacional foi aprovado o voto deliberativo às juventudes. Carlos de Araújo concorda com o facto, mas afirma que as juventudes comunistas nunca fizeram parte do partido; que elas estão desorganizadas; fude a sua reorganização e que podem ter voto deliberativo. A resolução foi da I. C. e o congresso tem o dever de acatá-la. José de Sousa, concorda. António Monteiro é de opinião contrária. Quando este congressista produzia as suas considerações, o presidente, devido à intervenção discreta da autoridade, suspende a sessão devido ao adiamento da hora.

Amanhã há sessão, no mesmo local às 21 horas.

Prisão importante

MUNICH, 10.—Foi preso o presidente do governo revolucionário sr. Potchner.

Hitler consegue fugir

MUNICH, 10.—Apesar de ferido, e sr. Hitler conseguiu fugir, iludindo a vigilância dos soldados que guardavam o ministério da guerra onde fora preso e onde ficara detido depois da derrota dos seus partidários.

Ludendorff em liberdade

MUNICH, 10.—O general Ludendorff foi restituído a liberdade depois de ter dado a sua palavra de honra de que não voltaria a tomar parte em qualquer movimento ou golpe de estado tendente a restabelecer a monarquia ou a derribar a república alemã.

Na Universidade Livre

Inauguração do XIII ano lectivo
Com a assistência do sr. presidente da República e dos dres. sr. João Camões, Faria de Vasconcelos, Agostinho Moraes, Jaime Cortesão, António José Ferrás, Carneiro de Moraes, Câmara da Cunha e Almeida Lima; Câmara Municipal e várias instituições congéneres, realiza-se hoje, na Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 46, 2.º, pelas 21 horas, a sessão solene para inauguração do 13.º ano lectivo.

As aulas comegam a funcionar amanhã, e na quinta-feira, 15, iniciará-se a série de conferencias sobre vários assuntos que interessam à Educação Popular.

SECCÃO TELEGRAFICA

C. G. T.

União Operária Pombalense. — Segue officio, se este não chegar a tempo, enviem telegrama, que logo seguirá delegado.

Delegação Confederal do Norte. — Terça-feira tem lugar a inauguração official do Sindicato dos Carregadores e Descarregadores de Leixões, era conveniente enviarem ali delegado e nesse sentido recebemos officio.

LIGA PRÓ-MORAL

A Tuna Recreativa Xabreguense, com sede no Largo da Moura, de Nisa, que no domingo inaugurou as festas do seu 13.º aniversário, resolveu que amanhã, domingo, em que tem lugar o seu 13.º dia da festa, todo o produto seja entregue à Liga Pró-Moral. A festa, que comegará às 16 horas, consta de concerto musical pela Tuna, quermess e venda da flor.

— Hoje, pelas 12 horas, reúne-se o corpo gerentes e a comissão da festa da flor. Pede-se a comparencia de todos.

QUEM QUER

vestir bem e barato confronta os preços do

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lá para fatos e vestidos. Lás em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

</

A BATALHA

é o verdadeiro órgão do povo trabalhador da província

VILA DO CONDE

O movimento operário — O espírito religioso

O mulétrico, na sua marcha serena, desfilando a pressa e espalhando, aproximando-se da Póvoa, Avistam-se as primeiras casas da Vila, desaparecem as últimas da Vila do Conde.

Dentro do carro, no banco fronteiro, três das derradeiras baútas, plácidas e tristes, ouvem com espanto a nossa conversação. Para elas o mundo só existia a questão mundana numa par-



VILA DO CONDE — Paços do Concelho

fraseação banal do Hamlet: ser ou não ser, eis a questão. O nosso horizonte, o horizonte que as nossas palavras abrangiam era outro, era maior, era estranho...

Vila do Conde é dominada pela religião. Sobejam nela os nichos. As cenas do martírio de Cristo, a marcha para a sua crucificação estão em vários pontos da vila, com extraordinárias medidas de segurança, portas de ferro, grades de ferro. O martírio de Cristo está

guardado a sete chaves... A igreja, tem importância, motivos arquitetónicos, lindos vitrais. É ampla e magestosa. O operário tem dois perigos: a religião e o vinho, a igreja e a taberna: ambos o embriagam e lhe dão resignação. Vila do Conde, não possui um meio operário activo, rico de aspirações e revoltas. A associação tem menos sócios, menos concorrência que as igrejas

as tabernas. Em Vila do Conde, vive-se à antiga, pensa-se à antiga. O que há de moderno, o que há de progressivo é tudo o que a guerra deu de mau: o agravamento das condições de vida para os humildes, o acréscimo de fortuna para os que negociam. Se algum meio operário precisasse para se esconder do contraste entre o seu viver e da classe que lhe está acima, a Vila do Conde que trabalha e sofre não tinha mais que ir até à praia, olhar os banhi-

stas, comparar mentalmente o casino deles, o hotel deles, com o seu tugúrio e concluir...

A taberna cria uma excitação que ao cessar, dá uma tristeza incurável; a igreja dá um temor do alto, do desconhecido e, adeus visão de contrastes! As banhistas passam, longinquas na sua indiferença para uma gente inapta incapaz de outra coisa que de resignar-se, que se move os lábios para deixar entrar o vinho ou murmurar em prece louvando ao altíssimo que dá a quem não trabalha, o confortável descanso, a tonificação física, o prazer suado, dois meses ao ano... Gente infima, que sendo pobre não tem diante do luxo, da batida, do desprêzo, da gente que lhe está acima, não uma atitude violenta, mas um raciocínio que revela dentro do condenado ao trabalho o ódio à sentença que a sociedade lhe indica por destino — a miséria.

É certo que a nuvem de Deus e al-cool que lhe encobre o presente tem um ou outro rasão, se vai lentamente diluindo. Mas, apenas mais d'uma, eterna meia dúzia de sacrificados, vai mostrando o presente. Pequeno claro no meio da treva.

Dum grande esforço, só lentamente uma nova elaboração social se vai operando. Um dia Vila do Conde despertará. Haverá menos féias nas igrejas, será menos entoadado o cantochão. As três damas compreenderão que somos dignos da sua hostilidade. Mas, esses dois desconhecidos que criticam o presente, devem ter adoração pelo diabo. Cautela, pois! O olhar dos banhistas só a medo, cai sobre nós, hostil.

O mulétrico parou. As damas vieram um último olhar de ira para os dois aliados de Satanaz. Estes sorriram, sem ódio pelas três insignificâncias físicas, com a alegria da viagem do mulétrico ter cessado.

C. L.

Que pandega, a Camara de Gaia!

Proibiu que se desse comida aos animais, em plena via pública. Preparou-se uma manifestação popular no sentido de impedir que os animais sejam maltratados — O comércio arreganha os dentes

PORTO, 9. — Há quem diga que os nossos homens públicos, locais ou nacionais, não são férteis em medidas de grande alcance...

É um puro espírito de contradição. É um irritante princípio de scepticismo — tal asserção manifestada por todos aqueles que estão estragados pelo estrangelismo...

Cá no nosso país, e principalmente na nossa terra e concelho visinho, também há sumas capacidades, tendo reflexos legislativos de grande valia...

Por exemplo: as autoridades camarárias de Gaia, que em inteligência são semelhantes às desta cidade lembraram-se, e muito bem — visto que estamos em marés de aflorescência económica de prebiter, que se gado bovino, de preferência, lhe seja dado de comer na via pública — a fim de não despertar o apetite aos estomados de ambos os sexos humanos que pululam pela vila... Deve ser esta a razão...

Ora é sabido que aqui para o norte a força cavicívica concorre enormemente com a força motriz de toda as especialidades...

Além dos motores... movidos a electricidade e a gasolina, que puxam carros e carretas, há os também que são accionados... pelos braços do homem ou da mulher, ou ainda da criança, e pelas patas dos pachorrentos, mas sacrificados, bois...

Tudo isto, é claro, em honra e proveito de um progresso às aréguas...

Sendo assim, os motores movidos... a erva, que neste caso são os referidos bois, podem ser considerados trabalhadores... irracionais...

Para o trabalho de transporte, saem os desgraçados bois logo de manhã cedo, andando todo um dia num labor constante, percorrendo a vila e a cidade, subindo e descendo as calçadas, deitando os bois pela boca fóra...

A Câmara gaiana, num lampejo de raciocínio filosófico e humano, chegou a esta justíssima conclusão: se os motores movidos a erva — os bois — são indivíduos reconhecidamente laboriosos trabalhadores, não deverão ter inda-

tais garantias aos motores movidos... a borça, que são os homens, as mulheres e as crianças que trabalham nas fábricas, oficinas, nas ruas ou no rio?

Não há duas opiniões numa: logo, se os trabalhadores humanos tem o direito de ir jantar a casa, ou morando distante, a um tacho — também o trabalhador animal deve ter o direito de ir jantar a casa ou a um tacho...

Neste caso estão os bois... portanto, nada de comer pela rua... Viva a igualdade!

Os lavradores e agricultores, porém, que não acham esta inovação acertada, e daí os seus veementes protestos, em nome dos interesses dos cavicívicos párias — protesto, aliás, que se está a estender aos arredores do Porto. Visto que, ao que se diz, também para estes lados se pensa na promulgação duma tal medida...

Porque os bois não podem ir a casa, já pela distância, já pelo caminho com o qual não atinam sosinhos. Aos tachs? Mas para isso eram precisos tachs especiais... Só se houvessem bois que se estabelecessem também, fazendo-se comerciantes...

Dada a impossibilidade e a renitência das autoridades camarárias, os desgraçados da soga, terão de trabalhar um dia inteiro... cheios de peneira, cheios de fome...

Que a falar a verdade, também há muitos trabalhadores humanos que passam um dia inteiro quasi sem comer, embora se distilem numa actividade estúpida.

É que os comerciantes, aproveitando a «deixa» das autoridades camarárias de Gaia e as intenções possíveis do Porto, resolveram ir mais além: proibir que os operários... «racionais» comam, não só na via pública como igualmente em casa ou no tacho... elevando os géneros a um preço de caudal verídico...

Apesar da chegada do endireitador da «espinhela» nacional, os abusos, os roubos, as falsificações, as patifarias do alto e baixo comércio prosseguem em ascensão desesperada, numa fúria

A BATALHA

NA PROVINCIA

ARREDORES

EM ALMADA

A FALTA DE AGUA

Uma população á mercê das manobras interesseiras d'um cavalheiro qualquer

ALMADA, 10. — Vem esta vila presentemente sofrendo de uma falta de água extraordinária.

Não nos admiráramos se esta falta se verificasse apenas na estação calmosa. Mas não se dá esse caso, pois agora, em que as grandes chuvas já se fazem sentir, devia notar-se uma maior abundância de água.

Porém, a água continua a faltar, e as bichas no chafariz são enormes, sendo necessário em certas ocasiões, perder-se meio dia para se alcançar um simples barril de água.

Mas, não tem acontecido o mesmo todos os anos? — pergunta o leitor. — Nós, desde que aqui estabelecemos a nossa residência, ainda não notámos essa falta senão este ano.

Ainda ontem fomos procurados por algumas criaturas que nos pediram para ventilarmos este assunto visto ele ser de tam capital importância.

Como entre essas criaturas se encontravam algumas de avançada idade, sugeriu-nos logo a ideia de algo lhe perguntarmos sobre o que em anos transactos a tal respeito se tem passado, e por isso perguntámos:

— Então esta falta não se tem feito sentir todos os anos?

— Não senhor — responderam-nos — nunca se verificou uma falta de água como agora se está fazendo sentir.

— Olhe, — diz-nos uma mulherinha ao nosso lado —, eu sou gaieira há mais de 11 anos, e nunca vi uma coisa como esta.

Quando nós vamos buscar a água à fonte da pipa, nunca a água falou assim. É verdade que alguns anos, quando na força do verão, sentia-se faguejar um pouco a nascente, mas sem contar dar lugar às enormes bichas que agora se veem no actual chafariz. E isto dava-se no verão; mas no inverno, era uma faturinha de água que nem você calcula.

Homens, já com cabelos brancos não se lembram de tam aturada falta de água.

Mas a que atribuir tam estranho caso? São ainda essas criaturas que nos dizem o seguinte:

— Você sabe que a nascente que dá a água para o chafariz passa por debaixo do armazém chamado vulgarmente o armazém do Macieira.

— Ora o dono deste armazém mandou ultimamente fazer dentro do mesmo, uma contra mina com um poço com alguns metros abaixo do nível da nascente, o que dá em resultado a água dali não passar, e daí a falta que se está sentindo, o que dá ao dono do tal armazém uma fabulosa soma de contos de reis, pois que a água roubada assim ao consumo deste concelho, vai carregar fragatas e mais fragatas que a transportam para os grandes vapores, e que é vendida por bom dinheiro.

Será isto verdade? Nada nos autoriza a julgarmos o contrário. E sendo assim, é o que é que faz a câmara a quem estão confiados os interesses dos municípios?

Não sabemos. O que é muito certo, é que a câmara, em vez de tratar com carinho deste e doutros assuntos de magno interesse, entretém-se com questões de política reles, e não tem naquella consideração que era mister o bem estar daqueles que tiveram a infeliz ideia e o pouco bom senso de os guindar às cadeiras sindicais.

O povo acha-se exaltado, e não nos admiráramos se ele, num impeto de justificada revolta, fizesse justiça por suas mãos que o terá — se isso acontecer — a grande vantagem de não só correr com aqueles que lhe tem roubado a água, mas também com aqueles que em tam pouca conta tem a defeza dos seus interesses. — C.

Piragem do sangue e suor dos que trabalham.

O inverno aproxima-se rigoroso e amagado, trazendo consigo a miséria, a fome e a nudez, pelo que não podemos prever o que irá ser desta pobre e miserável gente!

Eis, pois, leitor, resumidamente o que é a vida nesta terra. — C.

POMBAL

9 DE NOVEMBRO

Em plena escravatura

Os operários nesta localidade trabalham de verão 11 horas por dia e quando o inverno chega fecham-se as obras atirando-se com os trabalhadores para a miséria.

É necessário agir rapidamente para que as 8 horas de trabalho em Pombal sejam um facto, aliás teremos que continuar a ser escravos dos potentados da terra.

CEIA

9 DE NOVEMBRO

A cadeia

Apesar de já ter sido dado um subsídio 9.000\$00 para as reparações a fazer na cadeia desta vila, até hoje ainda nada se fez!

O inverno aproxima-se com todo o seu cortejo de inelencmências e os desgraçados prisioneiros tem de sofrer os rigores desta estação numa espelunca onde falta a luz, a higiene e o agasalho. Isto que para aqui se dá o nome de cadeia não passa de um foco de pestilência, de uma fábrica de tuberculoses. Não são afirmações gratuitas, e a prova evidente, palpável é o caso fatal de tuberculose que ainda não há muito lá se deu; e o estado em que saiu um «medunho» que aqui apareceu e que por infelicidade sua lá foi cair, sendo escarado sangue, cheio de parasitas...

Urge que se acabe com tamanha desumanidade, com tamanha vergonha. As grades desse antro infecto que vedam a liberdade às vítimas desta sociedade egoísta, necessitam ser quebradas. Aquilo a que chamam cadeia é mais uma jaula para feras do que uma casa para seres humanos. Não é uma prisão, é um patíbulo. Quem sobe até lá, morre.

cada e completa, tomou uma nova seiova... Sem dúvida que foi cruel para nós outros, conquistados, perdemos até o nome da nossa nacionalidade, vindo impôr a essa antiga e illustre Gália o nome de França, que nos trouxe uma horda de ferozes conquistadores...

Mas, cousa notável, no tempo da nossa primeira revolução, a reacção contra as recordações da conquista e desses reis de pretendido direito divino, foi tam profundamente nacional, que os cidadãos chegaram até a amaldiçoar o nome francês, achando (e isto era debaixo de certo ponto de vista tam lógico como patriótico), achando odioso e estúpido conservar aquele nome no dia da vitória e, após quatorze séculos de luta contra esses reis e essa raça estrangeira, que no-lo tinham infilgado com os estigmas da conquista!

Fazem-me recordar essas palavras meu pobre avô, replicou Jorge sorrindo-se, quando ele me disse que não se ufanava muito de ser francês, desde que sabia ter o nome dos bárbaros, dos cossacos, que nos despojavam e escravizaram.

Eu concebo perfeitamente, atalhou Sacrovir, que se reivindicasse esse antigo e illustre nome da Gália para o nosso país!

Certamente, replicou o senhor Lebreann, que a república gaulesa soaria melhor aos meus ouvidos do que a república francesa; mas, em primeiro lugar, a nossa primeira e imortal república purificou, segundo me parece, o nome francês do que ele tinha de monárquico, elevando-o a quanto lhe foi

sobrenatural... Admiramos e imitamos, portanto, nossos avós nesse entusiasmo amor do país, nesse inexorável ódio da opressão e nessa crença de perpetuidade progressiva da vida, que nos livra do mal da morte... Mas sempre glorificando devotamente o passado, continuamos, segundo o movimento da humanidade, a caminhar para o futuro...

«Não esqueçamos que um novo mundo começou com o cristianismo...»

«Sem dúvida, que o seu divino espírito de fraternidade, de igualdade e liberdade, foi ultrajadamente renegado, pisado aos pés e perseguido desde os primeiros séculos pela maior parte dos bispos católicos, senhores de escravos e de servos, cumalados de riquezas exorbitadas, quando a sua luz divina, em troca da absolvição dos crimes abomináveis que eles cometiam e de que o alto clero os resgatava...»

«Sem dúvida, que nossos avós escravos, vendo a palavra evangélica despresada e sem prestígio para os libertar, se levantaram contra a tirania dos conquistadores e, quasi sempre, como verão a prova, ali onde o sermão falha, a insurreição obteve concessões duráveis, segundo aquele sábio axioma de todos os tempos: «Faze a diligência, e o céu te ajudará...»

«Mas, finalmente, apesar da igreja católica, apostólica e romana, o sopro cristão atravessou o mundo e compenetrando cada vez mais desse suave e brande calor que deixava de alimentar a sublimidade da crença druidica dos nossos avós, a qual, deste modo remo-

A BATALHA

So em

concentram os camponeses valiosos e franca defesa dos seus interesses

NA VILA DE OLHÃO

Os senhores praticam proezas — a que urge pôr cõbro —

OLHÃO, 7. — Numa casita da travessa da Trindade habita Teodoro Valadas da Fonseca, de que era proprietário Alfredo Galvão, pertencendo actualmente a João Martins Deus. Este pretende que o inquilino pague agora 25\$00, ao que se nega, pois que vivendo ali há 18 anos começou por pagar 1\$00 e presentemente já lhe custa a renda 10\$00.

Mais outro caso. Ontem, um grande ajuntamento na rua Direita chamou a nossa atenção. Dum prédio ali situado faltavam as portas e uma mulher lamentava-se. Foi o caso que o proprietário desse prédio, Alexandre Maia, industrial de padaria, instava com a inquilina, Joana Gabito, para sair da

Deus... por tais patifes — nem que eles sejam Deus...

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

OLHÃO — O edificio da escola

No presente mês o senhorio negou-se a receber a renda, mas o Teodoro arranjou duas testemunhas e na presença destas o Deus tomou conta dos 10\$00 entregando-lhe um bilhete que depois se verificou não ter valor algum pois nem diz a que mais corresponde. Após a façanha, Deus ameaçou:

— Agora nem por dez nem por vinte. Você tem que ir para a rua!

São da mesma qualidade todos os senhores, sendo para lamentar que os inquilinos não tragam os olhos mais abertos, para não se deixarem burlar

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

Toda a gente esperava que fossem postos os tarcos na rua, porém tal não sucedeu, porquanto pareceu que o Maia mandou sustar por momentos tal resolução procurando convencer a inquilina a mudar-se para uma outra casa. Veremos, — C.

casas, constando que para se estabelecer com mais uma padaria, oferecendo-lhe outra residência. Como a inquilina fosse depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos e seguisse os conselhos do seu advogado, o Maia conseguiu que o juiz lhe desse posse da casa, e acompanhado de três agentes, tirou as portas.

OS MISTÉRIOS DO POVO

A BRAGA DO GRILHETA

POR

EUGENE SUE

N.º 36

11-11-1923

XIV

— Porque o berço da nossa família, os campos e a casa do primeiro dos nossos avós, de quem estes manuscritos fazem menção, estavam situados junto das pedras de Karnak; verás que esse nosso ascendente chamado Joel, Brenn an Lignez an Karnak, o que significa, como sabes, em breuio: Joel, o chefe da tribo de Karnak, esse nosso ascendente era chefe ou patriarca eleito pela sua tribo ou pelo seu clan, como dizem os escoceses...

— De modo que o nosso nome, meu pai, disse Jorge Duchêne, o nome de Brenn, significa chefe?

— Sim, meu amigo, esse apelido honorífico junto ao nome individual de cada um, ao nome do baptismo, como se diz desde o cristianismo, se mudou, no correr dos tempos, em nome de família; porque o uso de tais nomes só

começou a adoptar-se geralmente entre os plebeus no décimo-quarto ou décimo quinto século. Assim, nos primeiros tempos, chamou-se, por exemplo, o filho do primeiro dos nossos avós, de quem já lhes falei: Guilherm nab eis an Brenn, Guilherm, filho do chefe; depois Kirio, neto do chefe, etc., etc.

Mas, com o andar dos séculos, as palavras neto e bisneto foram suprimidas e só ajuntaram à palavra Brenn, tornada por corrupção Lebreann, o nome de baptismo.

— De modo que quasi todos os nomes de profissões, tais como o senhor Charpentier, o senhor Serrurier, o senhor Boulanger, o senhor Tisserand, o senhor Meunier, etc., etc., tiveram quasi sempre origem no trabalho manual, cuja designação se transformou, com o tempo, em nome de família.

«Estas explicações parecer-lhes-hão talvez pueris e, todavia, provam um facto grave e doloroso: a ausência do nome de família entre os nossos irmãos do povo...»

«Ah! poderiam eles, escravos ou servos, ter nomes, quando não pertenciam a si mesmos? seus avós e senhores al-cunhavam-nos de epítetos singulares ou burlescos, da mesma forma que se dá um hoje um nome de fantasia a um cavalo ou a um cão; depois o escravo, vendido a outro senhor, tomava outro nome... Mas verás que a medida que os oprimidos, graças a sua luz enérgica e continua, alcançavam uma condição menos servil, a consciência da dignidade do homem mais se lhes desenvolvia; e, quando podiam finalmente ter um nome e transmiti-lo a seus filhos, nome obscuro mas honrado, porque já não eram escravos ou servos, pôsto que fossem bem infelizes...»

«A conquista do nome próprio e do nome de família, em razão dos deveres que elle impõe e dos direitos que concede, foi um dos maiores passos dos nossos avós para uma completa libertação...»

«Direi, por último, a respeito dos manuscritos que vamos ler, que neles encontrámos o admirável sentimento da nacionalidade gaulesa e da crença religiosa, sentimento tanto mais indomável e tanto mais exagerado, talvez, quanto a conquista romana e francesa pesava sobre aqueles homens e sobre aquelas heroicas mulheres, tão soltas de sua própria índole, que chegavam a desprezar a morte com grandeza

sobrenatural... Admiramos e imitamos, portanto, nossos avós nesse entusiasmo amor do país, nesse inexorável ódio da opressão e nessa crença de perpetuidade progressiva da vida, que nos livra do mal da morte... Mas sempre glorificando devotamente o passado, continuamos, segundo o movimento da humanidade, a caminhar para o futuro...

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. **Ilhas** — Encomendas postais, 6 quilos \$600. **Brasil e Países da União Postal** — Pacotes de 2 quilos \$950, América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$600.

— : nre pñ copro : —

Nas duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

—Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

—Eduquemo-nos e instruíamo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

—O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

Humorista	12\$00	12\$00
Vortaro Kabe	12\$00	12\$70
Krestomatiko-Zamenhof	12\$00	12\$70
Postindareto - 1923	2\$50	2\$60
Stranga Heredaĵo	17\$50	18\$10
Vojejo Interue de mia ĉam- bro	3\$00	3\$30
La fundo de l'zimiro	3\$00	3\$30
Bildotablinoj (para conversa- ção)	15\$00	15\$50
Enciklopedio Vort.-Verax	20\$00	21\$40
Hebreaj Rakontoj	6\$00	6\$30
Historio de La Lingvo Es- peranto	6\$50	6\$80
Vivo de Zamenhof-Privat	20\$00	20\$50
La Rego de la Montoj (il Doré)	12\$00	13\$20
Mistero de Doloro	6\$00	6\$50
Karmen	4\$00	4\$30

Várias

«A Renovação». Revista Brasile- ira - Vários números, cada	\$30
«Educação Popular». Revista edi- tada pela Universidade Popu- lar	\$50
«Vida Natural e Cultura da Vida» Revista Naturalista. N.ºs 1 e 2, cada	\$50
«Poetas». 1.º de Maio e Avila, e \$15 e	\$30
«Sera Nova», cada	1\$00
«La Revista Blanca» (em espan- hol), cada	2\$50
«Páginas Libres» (em espanhol), cada	1\$50
«Novela Vermicilha», de vários au- tores, cada	\$25
«O inglês sem mestre»	10\$75
«O francês sem mestre»	7\$50
A Internacional (Hino)	\$20
A Batalha (Hino revolucionário)	\$10
Dicionário (Cândido Figueiredo)	150\$00

(e) Obras encadernadas.

(*) Encadernados mais \$450 cada volume.